

Karina Lourenço Novuski



129000225



FE

TCC/UNICAMP N8570

A origem e a construção do conhecimento humano: uma perspectiva filosófica

*Trabalho de conclusão de curso, apresentado
como exigência parcial para o curso de PEDAGOGIA
com habilitação em MAGISTÉRIO do PRÉ-ESCOLAR,
da FACULDADE DE EDUCAÇÃO da UNICAMP, sob
orientação do professor Dr. HERMAS GONÇALVES
ARANA.*

Camplinas, 1998.

Dedico este trabalho a meus pais, que muito me ajudaram na sua realização.

A meu pai, pela paciência na orientação e à minha mãe pelo empenho e dedicação dispensados na estética final ..

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA
DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO/UNICAMP**

N857o

Novaski, Karina Lourenço.

A origem e a construção do conhecimento humano :
uma perspectiva filosófica. / Karina Lourenço Novaski. --
Campinas, SP : [s. n.], 1998.

Orientador : Hermas Gonçalves Arana.

Trabalho de conclusão de curso - Universidade Estadual
de Campinas, Faculdade de Educação.

1. Sócrates. 2. Teoria do conhecimento. 3. Mitologia
grega 4. Milagres. I. Arana, Hermas Gonçalves. II.
Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de
Educação. III. Título.

“ Nosso olho nos faz participar do espetáculo das estrelas, do sol e da abóboda celeste. Este espetáculo nos incitou a estudar o universo inteiro. De lá nasce para nós a filosofia, o mais precioso bem concedido pelos deuses à raça dos mortais”

Platão, Teeteto, 155d.

Agradecimentos

Ao professor e orientador Dr. Hermas Gonçalves Arana, meus agradecimentos especiais por ter aceito me orientar neste trabalho, tarefa que realizou com dedicação de amigo; as críticas e sugestões por ele feitas foram imprescindíveis na elaboração desta monografia.

Ao segundo leitor, Prof. Dr. Renê Trentin, que também contribuiu para a melhora e o aperfeiçoamento deste texto com sua leitura atenciosa e crítica.

SUMÁRIO

Introdução

Desenvolvimento:

Capítulo I : A Fala primitiva do homem: o conhecimento mítico

- A origem do conhecimento mítico
- No que se baseava o conhecimento mítico
- O mito entre os primitivos
- Mito e religião
- O mito hoje

Capítulo II : A Transição do conhecimento mítico ao racional.

- O nascimento da filosofia na Grécia antiga
- O nascimento do logos
- A descoberta da racionalidade

Capítulo III : Os primeiros Filósofos

- O problema Sócrates
- Platão e o nascimento da Razão Ocidental
- Aristóteles e a Metafísica
- Descartes

Capítulo IV : A Filosofia

- A filosofia não é um saber acabado
- Qual é a utilidade da filosofia ?
- O processo do filosofar
- A filosofia não se confunde com a ciência

- O método da filosofia

Capítulo V: O surgimento das ciências

- Galileu Galilei
- O Positivismo
- A Fenomenologia

Capítulo VI: A Ciência hoje

Conclusão

Referências bibliográficas

CAPÍTULO I

A FALA PRIMITIVA DO HOMEM: CONHECIMENTO MÍTICO

A ORIGEM DO CONHECIMENTO MÍTICO

A preocupação com o conhecimento humano não é nova. Praticamente todos os povos da antigüidade desenvolveram formas diversas de saber. O homem primitivo já expressava seus conhecimentos através dos desenhos nas cavernas, buscando deixar ali registrados seus conhecimentos de mundo. Como exemplo, podemos citar, os egípcios que desenvolveram a trigonometria, os romanos a hidráulica; entre os gregos, a lógica, a astronomia; entre os indianos e muçulmanos a matemática e a astronomia; (não necessariamente nessa ordem), e entre todos se consolidou um conhecimento ligado à fabricação de artefatos de guerra. As imposições derivadas das necessidades práticas da existência foram sempre a mola propulsora da busca destas formas de saber.

Porém, antes desses inventos, um povo da Antigüidade teve uma preocupação mais sistemática e filosófica com as condições de formação do conhecimento: foram os gregos. Ao se depararem com um mundo extremamente complexo, cercado de fenômenos e acontecimentos misteriosos, os gregos passaram a se sentir angustiados, apreensivos diante deste mundo, que neles despertava uma grande curiosidade .

Precisavam de alguma forma, buscar a explicação e a origem de tais acontecimentos. Foi então que surgiu o primeiro tipo de conhecimento humano "elaborado": o conhecimento mítico.

A palavra Mito vem de **mythos**, termo de origem grega que quer dizer : palavra que simboliza o mundo.

Desde os primórdios, o senso comum era a forma mais imediata da consciência humana, através da qual o mundo se tornava acessível a esfera das nossas representações. Com ele nos familiarizamos com o que acontece à nossa volta.

NO QUE SE BASEAVA O CONHECIMENTO MÍTICO

Neste primeiro tipo de conhecimento elaborado pelos gregos, as coisas, os fenômenos que ocorriam neste mundo eram vistos como mistérios. Para a consciência conhecedora, não havia distinção entre realidade exterior do mundo e a realidade interior dos nossos sentimentos em relação a ele. A compreensão do mundo se dava por operações intuitivas.

Se recorrermos ao senso comum, veremos que o conceito de mito é preconceituoso, estando limitado a meras lendas e histórias fabulosas do mundo antigo. Na verdade, o mito é justamente o contrário do que se normalmente pensa, é algo muito mais complexo e rico do que simplesmente uma forma fantasiosa de explicar uma realidade que ainda não havia sido justificada pela razão.

Assim como todo e qualquer conhecimento humano, o conhecimento mítico tem (como já dito anteriormente) origem na angústia humana de tentar desvendar tais mistérios que cercavam o mundo, buscando compreender os fenômenos que nele ocorriam.

De maneira geral, a consciência mítica vê o mundo como um conjunto de enigmas e não como um conjunto de ocorrências. Enigma é aquilo que têm um significado escondido, que é precisamente seu mistério. Interpretar um enigma é portanto, desvendar seu mistério.

É importante ressaltar aqui o significado da palavra desvendar. José Auri da Cunha faz em seu livro uma definição interessante.*ⁱⁱ Vejamos:

"Ela significa tirar a venda dos olhos, ou seja: abrir os olhos para enxergar o que antes estava oculto. Não se trata necessariamente de que se esteja de fato com os olhos vedados; o pressuposto aqui presente é que na dimensão cotidiana da vida, o que vemos não constitui necessariamente a verdadeira realidade. Toma-se necessário uma chave para ver o que é verdadeiro, pleno de sentido. . Mito, é portanto o desvendamento desses significados escondidos, dos mistérios mundo. A função do mito era conferir a natureza uma dimensão humana, ligando o tempo do homem ao tempo da natureza por meio de uma história sagrada "

A manifestação do sagrado através do mito constitui a formação de uma certeza plena e imediata, que é, portanto subjetiva . Essa certeza não brotou ao acaso, era confirmada por meio de rituais apropriados, isto é, através de cerimônias que seguiam regras rígidas, pelas quais se obtinha acesso à dimensão do sagrado ou do sobrenatural.

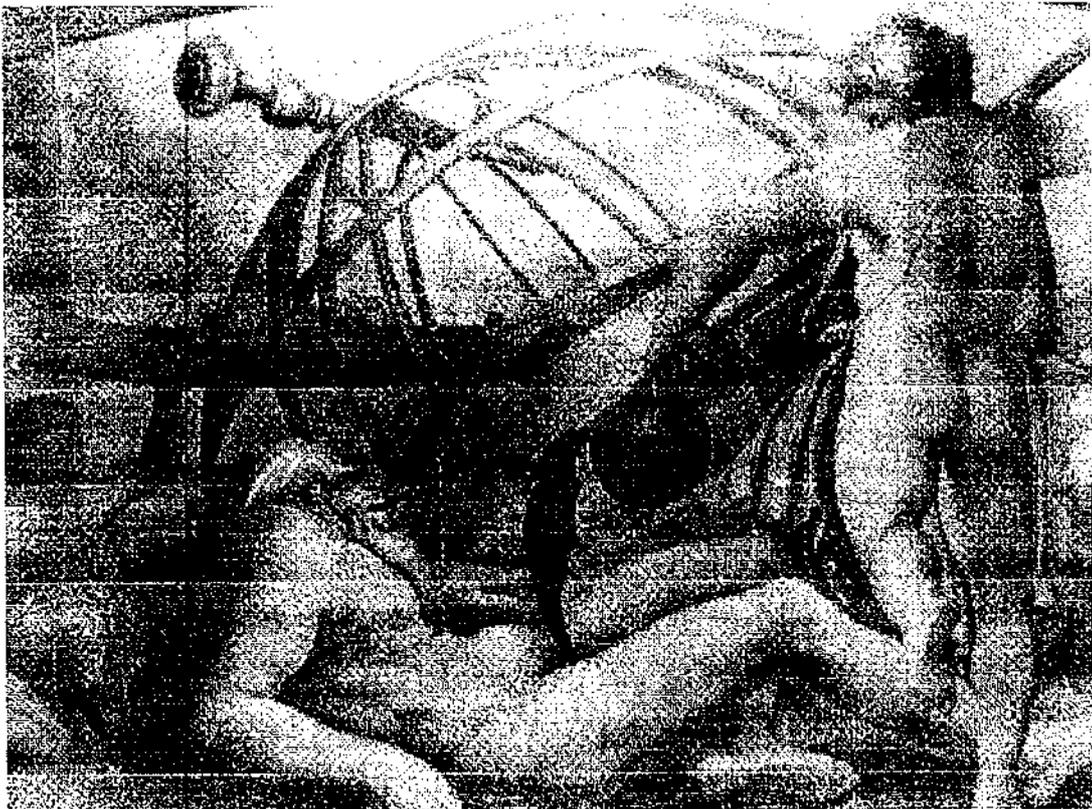
Nesses rituais uma supra realidade era invocada através de símbolos. Símbolos são signos especiais que operam na invocação de uma realidade que está além de nossa experiência comum, por isso a chamamos de supra realidade. O papel dos símbolos está em realizar essa ligação entre a experiência de um tempo presente e um tempo sagrado que então se renova e reatualiza. “O Mito narra como graças às façanhas dos Entes Sobrenaturais uma realidade passou a existir, seja uma realidade total, o Cosmo, ou apenas um fragmento: uma ilha, uma instituição, um comportamento humano, etc...

É sempre, portanto, a narrativa de uma “criação”, relatando de que modo algo foi produzido e começou a ser. O mito fala apenas do que realmente ocorreu, do que se manifestou plenamente; os Entes Sobrenaturais são conhecidos sobretudo pelo que fizeram no tempo “prestigioso”, no tempo dos primórdios.

É essa irrupção do sagrado que realmente fundamenta o mundo e o converte no que é hoje. E mais : é em razão dessas intervenções do Entes Sobrenaturais que o homem é o que é hoje. É nesse sentido que a consciência humana, ao defrontar-se com o mundo para conhecê-lo, busca descobrir a chave dos mistérios que escondem a sua verdadeira face.

Essa verdadeira face foi buscada nos tempos das origens, no tempo das manifestações sagradas, que deve ser lembrado e que se repete com o mesmo caráter sagrado cada vez que é lembrado. O tempo sagrado é, portanto o tempo do **eterno retorno**: os rituais apropriados de lembrança simbólica o **reatualizam** na consciência.

Por isso, enquanto processo, o mito surge como verdade, é claro, não como uma verdade lógica, discursiva,(expressa claramente pela razão), mas uma verdade intuída, percebida de maneira espontânea., sem necessidade de provas, o que o caracteriza como uma maneira espontânea de o homem se situar no mundo.



Para o entendermos com clareza, basta pensarmos na idéia de que o homem quando entra em contato com o mundo, não é apenas uma cabeça pensante, e sim, e antes de tudo, um ser subjetivo, dotado também de sentimentos. Entre ele e este mundo existe a fantasia, a imaginação; por isso antes de interpretá-lo, o homem deseja, teme, tem relações subjetivas com esse mundo. Por isso, o falar sobre este mundo está preso ao desejo humano de dominá-lo, afugentando a insegurança do desconhecido, dos temores e das angústias. A função do mito não é, portanto primordialmente explicar a realidade, mas acomodar e tranquilizar o homem diante desta.

Conseguimos entender melhor esse processo de angústia, se pensarmos da forma como coloca José Auri Da Cunha em seu livro ⁱⁱⁱ :

"Diante da estranheza do mundo, da multiplicidade das mudanças que nele ocorrem, da falta de sentido e de controle do homem dessas mudanças, a experiência desse ser vivo é da falência dos esquemas de adaptação, o sentimento de ameaça que põe em cheque a continuação da vida. Numa situação assim de ameaça extrema, um sistema de alarme biológico é disparado, e todas as energias disponíveis são mobilizadas pelo estado de alerta diante do perigo iminente. Tal estado de alerta se manifesta como experiência de angústia. Trata-se de uma resposta espontânea do organismo humano a uma situação de desamparo biológico, tal como ela é apresentada na consciência. Esta aciona imediatamente todos os seus mecanismos de defesa, pressionando o mais potente de todos esses mecanismos, a inteligência, a assumir a coordenação desse processo de superação da angústia, de preferência pela eliminação do motivo que a gerou. Cabe portanto à inteligência, o papel principal no alívio da angústia e na organização da defesa geral do organismo contra a ameaça real ou imaginária que o colocou em situação de alarme."

MITO ENTRE OS PRIMITIVOS

Os primeiros modelos de construção do real são de natureza sobrenatural, isto é: são explicadas pela atuação dos deuses . É um discurso de tamanha força que penetrava em todas as dependências da realidade vivida, não apenas no campo religioso, mas em diversas atividades humanas :

Na preocupação com a origem divina da técnica : o mito de Prometeu.

Na natureza divina dos instrumentos: ainda em nossos dias existe entre os povos primitivos o culto a certos utensílios, como a enxada ou o anzol, a lança ou a espada.

Na fertilidade das mulheres : os aruntas, povo primitivo australiano, achavam que os espíritos dos mortos esperam a hora de renascer e penetram no ventre das mulheres que passam em certos locais.

No caráter mágico das danças e desenhos: quando o homem fazia afrescos nas paredes das cavernas representando as capturas das renas, desejando agir magicamente, garantindo de antemão o sucesso da caçada.

CUNHA , Auri da, "Filosofia", pg 14

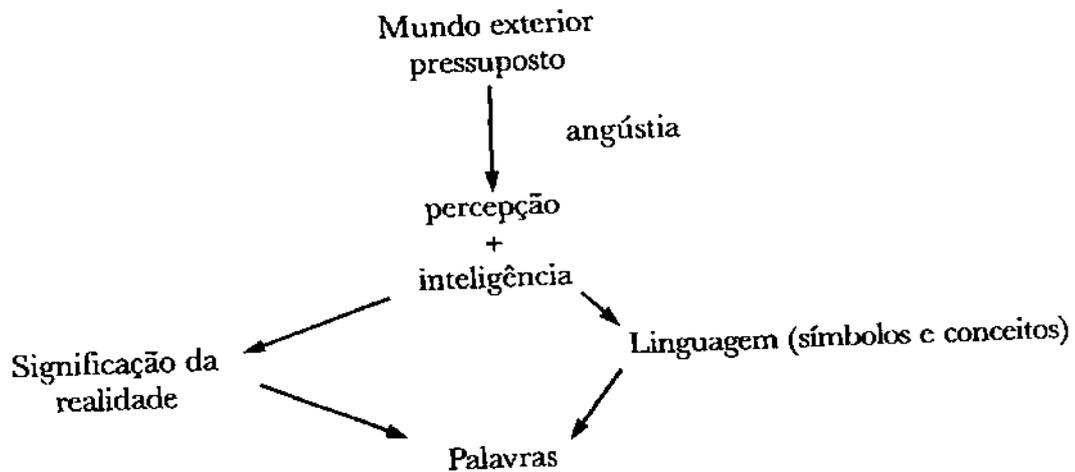


Isso significa que no mundo primitivo tudo era sagrado e sobrenatural.

Para Mircea Eliade, filósofo romeno estudioso do mito e das religiões, uma das funções do mito é fixar os modelos exemplares de todos os ritos e as atividades humanas significativas. Assim, o homem imitava os gestos exemplares dos deuses, repetindo nos ritos as ações destes, afirmando que os deuses assim prescreviam, e que portanto era daquele modo que eles deveriam fazer. Essa forma sobrenatural de descrever a realidade é coerente com a maneira mágica pela qual o homem agia sobre o mundo, como, por exemplo, com os inúmeros ritos de passagem do nascimento, do casamento, da morte.

Prevalece portanto um dogmatismo, ou seja: uma ingenuidade desse tipo de consciência, sendo esta desprovida de problematização, simplesmente aceita pela fé e crença. (Prevalece uma tradição indiscutida).

PROCESSO DE ABSTRAÇÃO



MITO E RELIGIÃO

* No desenvolvimento da cultura humana, não podemos fixar um ponto onde termina o mito e a religião humana começa. Em todo curso de sua história, a religião permanece indissolúvelmente ligada a elementos míticos e repassada deles^{IV}.

Na obra de Filosofando., *^v encontramos três fases nas formações dos deuses. Trancrevo aqui estas:

A primeira fase é caracterizada pela multiplicidade de deuses momentâneos, cuja fonte é a emoção subjetiva, marcada ainda pelo medo.

Esses deuses não representam nem forças da natureza, nem aspectos especiais da vida humanas. São simplesmente excitações instantâneas, fugidias, as quais é atribuído o valor de deidade. Às vezes, se tratava de um conteúdo mental, como a Alegria, a Decisão, a Inteligência, outras, de um objeto, ou de qualquer realidade percebida como tendo sido repentinamente enviada do Céu. Não perduram além do momento.

Na segunda fase, há a descoberta do sentimento de individualidade,³ in ARANHA, Maria Lúcia de Arruda e Maria Helena Pires Martins, *Filosofando*, pg 25.
4 - Id ib

dos elementos pessoais do sagrado e do divino. O surgimento dessa nova etapa se dá Na medida em que a ação exercida pelo homem sobre o mundo se torna mais complexa, fazendo surgir a divisão do trabalho. Assim toda a atividade humana particular ganha o seu deus funcional que vigia cada etapa do trabalho dos homens. A regulação da atividade encontra sua medida na própria periodicidade dos ciclos naturais(as estações do ano, o plantio, a colheita, etc...).

E cada ato, por mais especializado que seja, adquire um significado religioso: o homem recorre a divindades que devem protegê-lo a cada momento.

Ao mesmo tempo, o caráter existencial do mito vai levar á prática de rituais mágicos, e a fé na magia constitui o despertar da confiança do homem em si mesmo. Ele não se sente mais à mercê das forças sobrenaturais e desempenha o seu papel, convicto de que o que acontece no mundo natural depende em parte dos atos humanos. Como exemplo, podemos citar os ritos mágicos da fertilidade, sem os quais acreditavam que nem a terra frutificaria, nem a mulher conceberia .

A terceira fase caracteriza-se pelo aparecimento do Deus pessoal. Ele é fruto do processo histórico que inclui o desenvolvimento lingüístico e aparece quando o nome do deus funcional, derivado do círculo de atividade especial que lhe deu origem, perde a ligação com essa atividade, tornando-se um nome próprio, constituindo um novo ser, que continua a se desenvolver segundo suas próprias leis.

Esse Deus pessoal caracteriza-se por ser capaz de sofrer e agir como os homens. Ele atua de diversas maneiras, e seus múltiplos nomes expressam diferentes aspectos de sua natureza, seu poder e sua eficiência.

Como exemplo, podemos citar a deusa grega Atenas, filha de Zeus. Atenas surge como deusa guerreira, que protege os exércitos. Aos poucos, à medida em que a guerra se torna um trabalho, ela passa a proteger o trabalho em geral, e mais tarde o trabalho intelectual, especificamente as

artes. Ao mesmo tempo, é deusa da sabedoria e protetora da cidade que levava o seu nome em sua homenagem.

Com o desenvolvimento desta terceira fase, vão surgir as religiões monoteístas decorrentes das forças morais e que se concentram no problema do bem e do mal. A natureza passa a ser abordada pelo lado racional, e não mais pelo lado emocional, como acontecia nas fases anteriores. O divino deixa de ser abordado pelos poderes mágicos e passa a ser focado pelo poder de justiça. "O sentido ético substitui e suplanta o sentido mágico" .

" A vida inteira do homem se converte numa luta constante pelo amor da justiça".



5 – CASSIRER, Ernest, "Antropologia Filosófica, pg. 162



MITO HOJE

Ainda insistindo na questão de que o mito é algo muito mais rico e importante do que uma forma fantasiosa de ver o mundo, é preciso dar á ele, ainda hoje, um lugar de fundamental importância como forma fundamental de vida de todo o ser humano.

Ele é a primeira leitura do mundo, e o advento de outras abordagens do real (como será explicado posteriormente) não expulsa o homem daquilo que constitui a raiz de sua inteligibilidade, isto é, o mito é o ponto de partida para a compreensão do ser.

Em outras palavras, todas as concepções de e pensamentos que temos têm origem na concepção mítica de mundo, se situa no setor da imaginação, nos pressupostos míticos, cujo sentido existencial serve de base para todo trabalho posterior da razão.

A função fabuladora persiste não só nos contos populares, no folclore, como também em outros aspectos vida diária do homem..

Os contos de fada, as histórias em quadrinhos, sem duvida nenhuma "trabalham "com o imaginário das pessoas e os mitos infanto juvenis: o mito do herói, da luta contra o bem e mal.

O mesmo processo corre com personalidades que os meios de comunicação transformam em imagens exemplares; modelos,(que passam a serem cultuadas, idolatradas: como por exemplo: artistas, políticos, esportistas, etc..., que no imaginário das pessoas representam todos os tipos de anseios humanos : sucesso, poder, liderança, sexualidade, etc.... Como exemplo, podemos citar: Elvis Presley , Marilyn Monroe, Frank Sinatra, Ayrton Senna , etc....No plano social , também encontramos a presença de mitos, por exemplo: o mito da raça superior de Hitler (líder político desconsiderava

Examinando certas manifestações coletivas no cotidiano da vida social, descobriremos componentes míticos no carnaval, no futebol. Da mesma forma , poderíamos citar os mitos estudados por psicanalistas, por exemplo a interpretação feita por Freud do mito de Édipo.

Não precisamos nem ir muito longe; o próprio comportamento humano é permeado de certos "rituais" que lembram verdadeiros ritos de passagem; por exemplo: comemorações de nascimento, noivado, casamento, festas de casamento, etc..

A lista possível de conotações que o mito pode assumir é imensa, e reflete portanto que esse conceito é amplo e rico e não se esgota numa só linha de interpretação; não é algo que aconteceu somente na antigüidade, e sim algo que perdura até os nossos dias atuais.

Como será exposto no capítulo seguinte, veremos que mito e razão se completam mutuamente.

. CAPÍTULO II

“DO CONHECIMENTO MÍTICO AO RACIONAL”

NA GRÉCIA ANTIGA O NASCIMENTO DA FILOSOFIA

Essa transição de tipo de pensamento é conhecida na história como o “milagre grego”, onde o pensamento mítico cede lugar a uma nova forma de conceber o mundo, agora baseada na razão.

Na verdade não houve nenhum milagre se tomarmos a palavra no seu sentido literal, no sentido religioso, de um fato surpreendente e inexplicável, sem levarmos em conta as condições históricas e materiais que permitiram o surgimento desse tipo de conhecimento, que mais tarde ficaria conhecido como filosofia grega. Houve milagre, se a expressão for tomada como interpretação dessas mudanças qualitativas e decisivas (mostradas a seguir) que propiciaram o seu nascimento. Como diz ABEL REY

:" o milagre grego é milagre não pelas suas origens, e sim por suas conseqüências prodigiosas : a filosofia, a ciência, a política, as artes, a técnica e a cultura) .

Muitos fatores podem ser considerados pela sua maior ou menor influência no nascimento e configuração desse novo tipo de linguagem. Alguns consideram que as navegações e as transformações técnicas tiveram o poder de desencantar o mundo e forçar o surgimento das explicações racionais sobre a realidade. Outros enfatizam a invenção do calendário, da moeda e da escrita alfabética, que teriam propiciado o desenvolvimento da

capacidade de abstração dos gregos, abrindo assim caminho para a filosofia.

Vejamos como cada um deles contribui na formação dessa nova sociedade

: A moeda: o problema da superpopulação de um território cujo solo era muito pobre determina uma era de migrações e colonização que se estende por um longo período, generalizando-se nos séculos VIII a VI AC. A criação de colônias com os novos imigrantes facilitou o desenvolvimento do comércio marítimo e da indústria

A nova classe de comerciantes ricos começou a substituir os valores aristocráticos por novos valores, entre eles a criação da moeda, que facilitava os negócios, passando a desempenhar um papel revolucionário, uma vez que estava vinculada ao pensamento racional. Muito mais que um metal precioso, a moeda passou a ser uma convenção humana, uma noção abstrata de valor.

A escrita alfabética : de início, como já vimos, a primeira escrita é mágica, relatando sinais divinos, sendo portanto privilegiada aos sacerdotes e reis. Na Grécia, a escrita surge por influência dos fenícios, sendo que tais escritos passam a ser divulgados em praça pública, sujeitos à crítica e discussão.

Dessa forma, a escrita passou a fixar a palavra, exigindo mais rigor e clareza, o que estimulou o próprio pensamento crítico (uso da razão) .

Portanto, a escrita aparece como uma possibilidade maior de abstração , o que tende a modificar as estruturas vigentes de pensamento.

O NASCIMENTO DO LOGOS

Todo esse contexto progressivamente desencadeou um processo que levaria ao nascimento de uma nova forma de conhecimento: o logos. Mesmo baseada na razão(argumentação), durante um bom tempo prevaleceu uma explicação cosmológica do mundo : uma explicação ainda centrada na natureza que cercava o homem. . (cosmos)

Com o passar do tempo e o acontecimento de um grande marco na história humana, nasce a chamada filosofia, preocupada em centralizar os estudos no ser humano.

Esse grande marco se refere ao nascimento da Cidade- Estado, isto é: da Pólis “ que desde o seu advento (pode se situado entre os séculos VIII e VII a.C) marca uma nova era, uma verdadeira intenção : por ela, a vida social e as relações humanas tomam uma nova forma , cuja a originalidade será plenamente sentida pelos gregos”.^{vi}

A pólis era agora centralizada na ágora (praça pública), espaço onde se debatiam problemas de interesse comum. Passou-se a se elaborar um novo ideal de justiça, pelo qual todo cidadão tinha direito ao poder. Agora a nova noção de justiça assumia caráter político, e não só moral, ou seja: diz respeito não apenas ao indivíduo de tradição familiar, mas à comunidade como um todo. Lentamente, a palavra passou a ser comum a todos, não mais mágica(como anteriormente no conhecimento mítico); em outras palavras, isso significa dizer que o saber deixa de ser sagrado , passando a ser objeto de discussão; a instauração dessa ordem humana dá origem ao cidadão da pólis.

Sobre o aparecimento do cidadão da pólis , também diz Vernant:

Aos dois aspectos enfatizados, - socialização da palavra, - desenvolvimento das práticas públicas , um outro traço se acrescenta para caracterizar o universal da pólis . Os que compõem a cidade, por mais diferentes que sejam por sua origem, classe, ou função, aparecem de uma certa maneira “semelhantes” uns aos outros . Essa semelhança cria a unidade da pólis, porque para os gregos, só os semelhantes podem encontrar-se mutuamente unidos pela “phiblia” (amizade), associados numa mesma comunidade. O vínculo do homem com o próximo vai se tornando uma relação recíproca, reversível, substituindo as relações hierárquicas de submissão e domínio. Todos os que participam do estado, vão definir-se como “homoioi”, semelhantes ; depois de maneira abstrata como “isoí”, iguais . Apesar de tudo que os opõe na vida social, os cidadãos se concebem no plano político como unidade permutáveis no interior de um sistema cuja lei é o equilíbrio, cuja norma é a igualdade. Essa imagem do mundo humano encontrará no século VI sua expressão rigorosa num conceito de isonomia: igual participação de todos os cidadãos no exercício do poder.”.^{vii}

A partir do desenvolvimento dessa democracia, um grupo de filósofos novos, sobretudo em Atenas, fez um esforço gigantesco (decisivo para todo o pensamento ocidental) para concentrar os estudos exclusivamente nos homens e na sua vida social e política, deixando de lado as preocupações com as origens do mundo e com as causas de suas transformações – passando assim a fazer prevalecer uma palavra que exprimisse um pensamento universal para todos, sem necessidade de persuasão e escolha. Em termos gregos o que ocorreu foi a substituição da alétheia (palavra que exprime o pensamento verdadeiro para todos) pela doxa (que consistia o espaço político da discussão , da escolha e da persuasão) . Foi baseado nessa nova forma de falar, esse novo tipo de pensamento, (que marcaria uma nova era mundial), com a qual o homem passou a compreender e interpretar o mundo e escrever sua própria história. A razão passou a ser vista como princípio de tudo.

Buscou-se a partir daí descrever as coisas em vista de suas próprias essências, pensando-as analiticamente, como existindo sem nenhuma dependência dos processos emocionais de quem as compreende.

A principal dessas conquistas é a elaboração das interpretações casuais. Com elas o homem obtém maior controle material sobre as forças que determinam os acontecimentos da natureza. Os mitos tinham desenvolvido no homem a ambição de compreender as razões por que tudo acontece, mas fracassam na aquisição do poder real sobre o meio natural. Isso porque os mitos operam procedimentos analógicos que articulam intimamente o mundo interno da experiência humana, o microcosmo , com o mundo externo dos fenômenos naturais. Ora, o que ocorre internamente na experiência vivida nem sempre é modelo para o que ocorre de fato no mundo. E quanto mais as necessidades do homem se distanciavam da realidade natural das coisas, mais a linguagem simbólica fracassava em compreender e interpretar a natureza. Em vista deste fracasso é que surgiu a idéia de causa. Agora com base na razão, na matemática e na observação, o homem começou a ter as primeiras bases para formular as primeiras teorias científicas sobre a natureza.

A linguagem conceitual passou então a predominar, uma vez que agora se tinha descoberto que por detrás das aparências das coisas existe uma essência, feita com as qualidades e propriedades imutáveis destas. Essa essência só poderia ser explicitada através de uma linguagem de conceitos, ou seja, de signos cuja interpretação não exigia a participação emocional dos intérpretes envolvidos.

É de fundamental importância que fique claro que o logos não vem e nem objetiva destruir a linguagem mítica, pelo contrário : Logos e Mythos são duas metades da mesma linguagem, duas funções igualmente fundamentais da vida do espírito. O próprio termo “filosofia” (philos- sophia), significa “amor a sabedoria”, ou seja, a própria etimologia da palavra mostra que o logos não é pura razão, é ,antes de tudo a procura amorosa da razão.”(O lado afetivo não é totalmente extinguido)

O mito se aplica a qualquer tipo de história narrada, seja o assunto de uma tragédia ou a intriga de uma comédia, seja o tema de uma fábula de esposo. Ele se opõe ao logos como à fantasia a razão, como a palavra que narra á palavra que demonstra . O logos, sendo uma argumentação, pretende convencer, implica no auditor, a necessidade de formular um juízo. O logos é verdadeiro, no caso de ser justo e conforma à “lógica”. Mas o mito tem função em si mesmo, e como já foi dito anteriormente acredita-se nele, conforme a fé, a própria vontade de se acreditar.

A partir de seu nascimento, as pessoas passaram então a ter que realizar uma tarefa que era bastante difícil, pois consistia em abandonar o que é mais difícil de se abandonar: o senso comum, os preconceitos estabelecidos e os interesses particulares, para dar lugar ao acordo, a universalidade entre os seres racionais, porque o Ser, a razão, o pensamento e a palavra são agora idênticos e os mesmos para todos.

Portanto, podemos afirmar que o logos, como modo de pensar e de falar racionais, não surgiu repentinamente , mas paulatinamente, através da progressiva resolução de novas necessidades sociais experimentadas pela cultura grega. A passagem do mythos ao logos constitui, sobretudo uma “conquista” historicamente explicável, de importância fundamental, essencial na vida dos seres humano sobretudo e principalmente na sua história evolutiva de pensamento..

Isso tudo em outras palavras, significa dizer que o surgimento e a instauração do pensamento reflexivo, não decretaram a morte da consciência mítica. Numa das obras estudadas nesse trabalho, pude encontrar uma colocação que sintetiza o que quero aqui deixar registrado. "O mito, recuperado no cotidiano do homem contemporâneo, não se apresenta com a abrangência que se fazia sentir no homem primitivo. O nascimento da reflexão permite a rejeição dos mitos prejudiciais ao homem. O exercício da crítica racional faz a discriminação, legitimando alguns mitos e negando aos que levam a desumanização. Para Gusdorf, o mito propõe todos os valores, puros e impuros. Não é de sua atribuição autorizar tudo o que sugere. Como dito anteriormente, nossa época conheceu por exemplo o desencadeamento dos mitos do poder e da raça, quando seu fascínio se exercia sem controle. A sabedoria é um equilíbrio. O mito propõe, mas cabe a consciência dispor.

Também é na criação da pólis que surge a figura do filósofo, pessoa que irá dedicar sua vida aos estudos sobre o ser humano. Os primeiros filósofos começaram a operar essa linguagem conceitual, buscando como explicar a causa original das coisas, sem se envolver emocionalmente com o fato em si.

Os primeiros filósofos buscaram descobrir a resposta à pergunta "onde tudo começou? , imaginando para tanto uma unidade da qual todas as coisas provinham e à qual todos regressariam, e a essa unidade chamaram de "arché", termo grego que pode ser traduzido por "princípio" ou primeiro começo .

Porque procuravam as causas materiais da constituição, os primeiros filósofos foram chamados filósofos da *physis*, buscando na natureza um princípio material, físico, que segundo eles seria a origem de tudo o que há no universo.

O primeiro filósofo de que se têm notícia foi Tales de Mileto, cuja preocupação ainda estava voltada para o Cosmos. Sua hipótese teórica era a de que o princípio gerador de tudo era a água. Com o passar do tempo essa teoria passou a ser discutida, considerada absurda e incompreensível, uma vez que não poderia ser provada. Outros filósofos diziam que o

princípio de tudo era o ar, outros a terra, outros enfim, que o princípio original era formado pela união da terra, do ar, da água e do fogo.

O que é importante ressaltar não é o princípio material ao qual eles atribuíam a origem de tudo, mas sim a preocupação de buscar e encontrar algo que de alguma maneira satisfizesse a curiosidade em relação à sua própria origem, assim como a origem de tudo que os cercava.

A “DESCOBERTA” DA RACIONALIDADE

Conforme já explicado, lentamente o princípio gerador de tudo passou a ser pesquisada não mais na natureza física, mas nos processos racionais do ser humano.

Quatro grandes filósofos se destacaram no que diz respeito ao uso desse novo tipo de linguagem: Sócrates, Platão, Aristóteles e Descartes .

Sócrates foi o primeiro a colocar o ser humano como tema e problema. Nascido em Atenas, contam os relatos que este homem passou a dedicar sua vida à filosofia depois de visitar o templo de Apolo em Delfos e ter ouvido uma voz interior (que ele chamava de “daímon”, espécie de espírito bom ligado a alguém e que personifica o caráter da pessoa e seu destino) . Ficou conhecido como alguém que intrigava aos outros, por provocar nestes a curiosidade sobre si mesmos.

Porém, é importante ressaltar que para a história da filosofia, Sócrates é uma estranha exceção. A ausência de obras e manuscritos o transforma num enigma e num problema que vem desafiando a história com a seguinte pergunta: Sócrates realmente existiu? Quem foi realmente e o que pensou o pai da filosofia? .

CAPÍTULO III

OS PRIMEIROS FILÓSOFOS

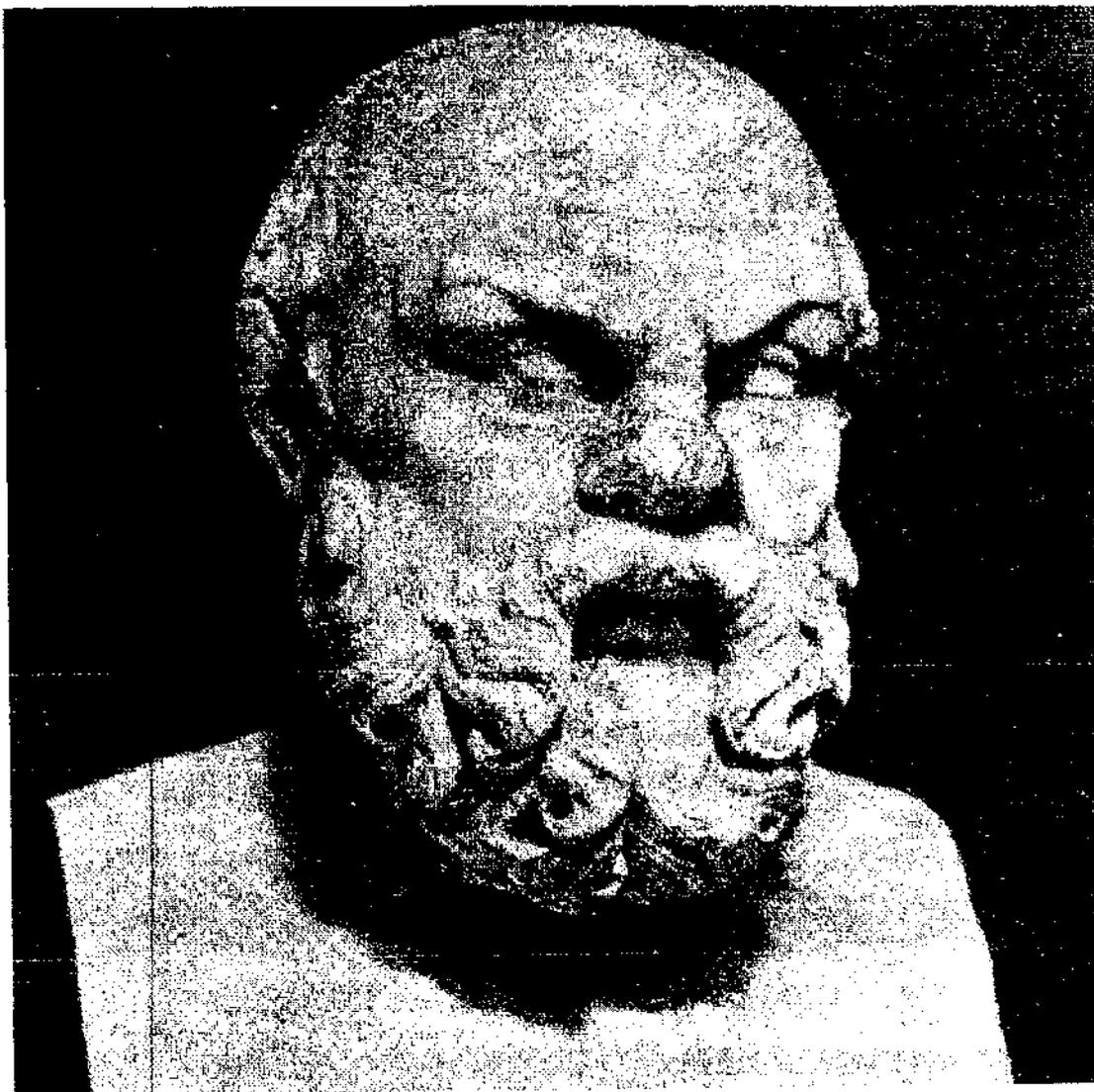
O PROBLEMA SOCRÁTES

Os pensadores cristãos nunca se cansaram de comparar Sócrates com Cristo: ambos foram condenados por seus ensinamentos, ambos compareceram aos tribunais e não se defenderam, também nada deixaram escrito, ambos deixaram uma posteridade sem limites, e tudo quanto se sabe sobre eles depende de fontes indiretas, escritas depois de estarem mortos. Porém, diferentemente de Cristo, Sócrates não era santo, não tinha nada para profetizar, não tinha mensagem a divulgar e nem dogma para impor. Pelo contrário, tudo o que se sabe são suas célebres frases “Só sei que nada sei / “Conhece-te a ti mesmo”(frases com as quais homem, ética e conhecimento surgem como questões centrais da filosofia) . Foi amado e odiado por muitos. Alguns o fizeram de herói, outros de sábio. Escreve Wolff:

“Para um povo tão agarrado a beleza das formas, tão amante da harmonia plástica, que considerava um Dom divino, signo de perfeição interior, Sócrates é a contradição viva: tão evidentemente feio, quanto inteligente, vivo e de sabedoria brilhante (....) Sua feiúra é provocante, pois provoca reflexão: é feio pelo corpo, mas belo pela alma(.....)Sócrates encarna para os gregos a oposição entre o ser e o parecer, a alma e o corpo, oposições que se transformariam no fundamento de suas reflexões e das quais ainda somos tributários”^{xiii}

O problema de Sócrates não reside somente nas controvérsias das diferentes imagens que tinha enquanto filósofo, e sim também no fato de não se saber o que exatamente ele pensou. Sobre ele, tudo o que temos vem de Platão, Aristóteles, e dos conhecidos por Sócrates menores.

Sócrates, W, O sorriso da razão, pg 15



Platão, seu discípulo mais importante, escreve sobre ele, aprofundando algumas idéias, mas discordando e introduzindo outras, nas quais acreditava com convicção. Com Platão nasce a razão ocidental.

PLATÃO E O NASCIMENTO DA RAZÃO OCIDENTAL

Platão foi, e é até hoje, lido, comentado, discutido, refutado. Como filósofo, sua maior preocupação era a distinção entre o mundo sensível das aparências e o mundo inteligível das essências, entre o ser e o não ser, e com as questões lógicas do conhecimento. Durante a história, Platão surgia

de uma forma diferente, e mesmo em algumas dessas fases não se pode distinguir uma doutrina acabada, mostrando que um mesmo assunto chega a ser tratado de modos diferentes em diversas fases da vida de Platão.

Há algumas razões para essa variedade de Platões, sendo a principal delas o fato de que as grandes obras de pensamento são realmente aquelas que suscitam uma multiplicidade rica de leituras e interpretações deste filósofo.

Assim, não existe um só Platão, e sim uma obra formada pelo conjunto de obras escritas não só por ele, como também pelos seus intérpretes. Se há diferentes interpretações, (fato que intriga certos filósofos) e no entanto se todos os leitores se consideram intérpretes de Platão, é porque cada um deles, em seu tempo e contexto, encontra no espírito platônico o tema ou a questão que está discutindo. Cada tipo de abordagem tem sua riqueza, e muito mais importante que querer saber qual é o verdadeiro Platão(se, é que ele realmente existe), é perguntar porque durante os últimos vinte e quatro séculos Platão não cessou de ser lido, comentado, criticado e apropriado?.

A esse respeito, escreve François Châtelet: "ix..... Como entender que uma obra tão fortemente marcada pelas circunstâncias em que nasceu e nas quais foi escrita possa ainda estar presente a nós a esse ponto? Porque o grego clássico Platão coloca sempre problemas que também são nossos ?(...) E que Platão foi o inventor propriamente dito deste gênero intelectual chamado filosofia, definiu a razão(.....) .Foi a filosofia de Platão que definiu pela primeira vez no Ocidente os critérios de racionalidade, que são os mesmos que organizam nossa vida e morte."



ARISTÓTELES E A METAFÍSICA

Logo depois de Platão, encontramos seu discípulo, o filósofo Aristóteles, (que apesar de critica- lo, dele recebeu grande influência deste), autor da célebre afirmação: " Todos os homens, por natureza, têm o desejo de conhecer". Para ele a filosofia era desejo de conhecer e prazer no conhecimento. "Conhecer e saber para conhecer e saber ", a filosofia é um fim em si mesma. Aristóteles dizia que ser livre é ter o poder de dar a si mesmo seu próprio fim e ser para si mesmo seu próprio fim. Por isso para ele a filosofia é o único de todos os saberes que é verdadeiramente livre, pois "somente ela é seu próprio fim". Anteriormente a Aristóteles, Thales assim já dizia, já investigava a physis. Aristóteles continuou esse trabalho , caindo agora em mais espantos, espantos estes que são justamente o que levam o ser humano a querer conhecer sempre mais. Com Aristóteles, a

filosofia surge como pluralidade e totalidade dos conhecimentos, decorrendo de um objeto específico de estudo: O ser, que segundo ele próprio se diz de muitas maneiras; a filosofia cabe estudar todas elas.

Além de poemas, diálogos, cartas, Aristóteles foi autor do primeiro esboço que seria posteriormente dividido em volumes e de grande sucesso: *Metafísica* (termo que foi usado por razões puramente classificatórias, para indicar o conjunto de escritos depois da física; o termo usado por Aristóteles era filosofia teológica, ou filosofia primeira. Não formam um conjunto sistemático de uma obra única de um mesmo tema, e sim escritos de diferentes épocas, questões sobre os problemas filosóficos que investigava Aristóteles e seus alunos investigaram. Além disso, Aristóteles, também escreveu sobre Física, História Natural, Psicologia, Artes, História, etc...

Dessa forma, o conhecimento de todos os seres, das modalidades das ações humanas e dos artefatos produzidos por estes chama-se filosofia. Por isso, para Aristóteles, filosofia e ciência eram uma coisa só. Não podemos negar que Aristóteles, sem dúvida fazia ciência, porém não a ciência como conhecemos hoje.



CAPÍTULO IV:

A FILOSOFIA

Para respondermos a essa questão precisamos saber primeiro o que entendemos por utilidade. Temos aqui o primeiro impasse . Vivemos num mundo marcado por uma visão imediatista de conhecimento.

Seguindo nesta linha de pensamento, a filosofia é realmente inútil; ela não serve para nenhuma alteração imediata de ordem pragmática.

Entretanto, não ter utilidade não significa ser desnecessária. A necessidade da filosofia está justamente no fato de que ela, por meio da reflexão, permite que o homem tenha mais que uma dimensão além da que é dada pelo agir imediato. É ela que permite o distanciamento para a avaliação dos fundamentos dos atos humanos e dos fins a que eles se destinam. É ela que constrói um todo para os pensamentos fragmentados pela ciência . Portanto, a filosofia é possibilidade de transcendência humana, ou seja: capacidade do homem de superar sua imanência(isto é ,de se tornar cada vez mais humano.), O homem surge como um ser de projeto, capaz de construir seu próprio destino, capaz de liberdade, de expressar seus pensamentos.

A filosofia exige portanto, coragem. Filosofar não é um ato simplesmente intelectual. Descobrir a verdade é ter coragem de enfrentar as formas estagnadas de poder que mantêm o status quo, aceitar o desafio da mudança. Saber para transformar.

“ O PROCESSO DO FILOSOFAR”

A Filosofia busca fazer reflexões, e por isso não é um pensar qualquer, uma vez que esta reflexão é um ato de retomada do próprio

pensamento, de pensar o já pensado, colocar em reflexão o que já se conhece, criticar e construir sobre o que já se sabe.

Também não é uma reflexão qualquer. Só é filosófica quando é radical, rigorosa e de conjunto. Assim explica o professor Dermeval Saviani: “Radical: Em primeiro lugar exige-se que o problema seja colocado em termos radicais, entendida esta palavra no seu sentido mais próprio e imediato. Quer dizer, é preciso que se vá até as raízes da questão, até seus fundamentos. Em outras palavras, exige-se que se opere uma reflexão de profundidade.

“Rigorosa: Em segundo lugar, e como que para garantir a primeira exigência, deve-se proceder com rigor, ou seja, criticamente segundo métodos determinados, colocando-se as conclusões da sabedoria popular e as realizações que a ciência pode ensejar.

“De conjunto: em terceiro lugar, o problema não pode ser examinado de forma parcial, mas numa perspectiva de conjunto relacionando-se o aspecto em questão com os demais aspectos do contexto em que está inserido. É neste ponto que a filosofia se distingue da ciência de um modo mais marcante”.¹ A maneira pela qual se faz rigorosamente essa reflexão varia conforme a orientação do filósofo e as tendências decorrentes da situação vivida pelos homens na sua ação sobre o mundo.

A FILOSOFIA NÃO SE CONFUNDE COM A CIENCIA

Nos primórdios, como já dito anteriormente, a ciência se achava ligada à filosofia, sendo o filósofo aquele sábio que refletia sobre todos os setores da indagação humana.

A partir do século XVIII(como será explicado no próximo tópico), a revolução científica, iniciada por Galileu, determinou a ruptura dessas duas formas de abordagem do real. Lentamente apareceram as chamadas

Sócrates, W, O sorriso da razão, pg. 15.

¹ FRANÇOIS, Chalet, ano do livro 15.

ciências particulares – física, química, astronomia, biologia, sociologia, psicologia, etc..... – delimitando campos específicos de pesquisa. Na verdade, o que estava ocorrendo era o nascimento da ciência, pois ela não existia propriamente antes disto. Cada ciência passou então a se ocupar de um objeto específico do saber, havendo, portanto a fragmentação deste. Com o passar do tempo o método usado para tais investigações (posteriormente conhecido como método científico) se aperfeiçoa, assim como as abordagens sobre os fenômenos em questão.

Na verdade a filosofia continua (depois do surgimento das ciências) abordando essa mesma realidade tratada pelas ciências, com a diferença de que as ciências se especializam e observam partes do real, enquanto a filosofia considerara o seu objeto do ponto de vista da totalidade. Sua visão é uma visão de conjunto, integrada, que relaciona cada aspecto estudado com os outros do contexto em que está inserido.

Ambas têm igual importância, e, em todos os setores do conhecimento e da ação, a filosofia deve estar presente como reflexão crítica a respeito dos fundamentos deste conhecimento e deste agir. Enquanto a ciência faz juízos da realidade, a filosofia contrariamente faz juízos de valor. O filósofo parte da experiência vivida pelo homem, julgando o valor da ação e buscando o significado desta. Filosofar é dar sentido a experiência.

O MÉTODO DA FILOSOFIA

Não pretendo aqui descrever os métodos da filosofia, e sim dar uma visão de conjunto.

Sócrates, por exemplo, usou um método que se dividia em dois aspectos: a ironia(que significa “ pergunta” em grego) e a maiêutica (em grego significa “parto”), que significa dar luz a novas idéias.

Platão, seu discípulo, aperfeiçoa a maiêutica, transformando-a em dialética, método que mais tarde seria de fundamental importância para a filosofia.

Aristóteles aperfeiçoa e sistematiza a descoberta de seus antecessores, montando um método que mais tarde seria denominado lógica.

Em Descartes, a preocupação aparece não mais centrada na pergunta "o que é o ser?", mas sim "como se conhece o ser?". Para ele, o ser deve ser conhecido através da razão. Sua própria existência, a existência de DEUS e das coisas, ele saca da sua própria razão, e não mais da Revelação transmitida pelas Sagradas Escrituras e pela tradição humana.

A razão humana portanto, quando bem usada, é que vai levar à verdade

Nesse sentido, o filósofo Descartes é o fundador do racionalismo, que mais tarde ficaria conhecido como racionalismo cartesiano.

Há também o empirismo, método pelo qual qualquer conhecimento só seria verdadeiro se pudesse ser comprovado através da experiência sensível, concreta.

O surgimento das ciências permitiu com que outros métodos também fossem elaborados, métodos cuja importância pode ser sentida até hoje.

CAPÍTULO V

: O SURGIMENTO DAS CIÊNCIAS POSITIVAS

Para situar esse contexto, recorro às palavras de José Auri Da Cunha:

"Com a razão tendo conquistado sua autonomia, tomando-se livre para sintetizar as observações que lhe eram fornecidas pelo sentidos, tem lugar especial um florescimento das ciências experimentais, explorando descrevendo e explicando a natureza enquanto fenômeno. Apoiadas nos resultados teóricos das descobertas científicas, surgiram as inovações técnicas, que aceleraram os processos de exploração econômica das forças naturais pela utilização de novas formas de energia, visando aumentar a produtividade no trabalho humano. Todo esse contexto desencadeou a tão conhecida "Revolução Industrial", passo inicial para o alcance da modernidade

A indústria é um dos acontecimentos históricos de maior importância da humanidade. Ela deriva da autonomia da razão e do poder criador do trabalho. O logos passa assim a ampliar mais cada vez seus domínios : o império da razão prevalece sobre o mundo. Na esfera econômica essa maioria da razão assumiu a forma de industrialismo (superando-se com isso os valores medievais), e na esfera política e intelectual, a forma assumida foi do Iluminismo.”²

Nesse contexto germinaram novas idéias, as quais culminaram no aparecimento de novas teorias a respeito do mundo e do ser humano.

Colar fig livro verde pag 159

Nessa caminhada muitos nomes se destacaram, entre eles: Galileu, Galileu , Newton, Kepler, Francis Bacon, que em suma defendiam a aplicação do método científico em todos os ramos do conhecimento humano.

Vejamos de maneira sucinta algumas destas e suas repercussões:

GALILEU - GALILEI

GALILEU GALILEI foi o responsável pela superação do aristotelismo e o advento da moderna concepção de ciência, defendendo a substituição do geocentrismo pelo modelo heliocêntrico de mundo. Também contribuiu muito no campo da física.

Passou-se a acreditar no modelo heliocêntrico de mundo, fato que trouxe transformações. Para os antigos, sempre houve uma concepção mística de lugar. Para eles, havia lugares privilegiados: Hades(inferno), Olimpo(lugar dos deuses), Ágora(praça pública), o Gineceu(lugar das mulheres). Da mesma forma havia na física aristotélica a teoria do lugar

CUNHA, José Auri , " Filosofia,, pg 214.

natural, e na astronomia entre o mundo sublunar o mundo supralunar, constituídos de diferentes naturezas e hierarquicamente situados.

Galileu geometriza o espaço, o que significa que este passa a ser quantitativo e mensurável, deixando de ser sagrado, como era até então. Em outras palavras, podemos dizer que houve uma democratização do espaço. Porém, receiosos de enganar-se novamente, os novos pensadores procuraram uma maneira de evitar esse erro, fazendo surgir com isso a principal característica do pensamento moderno: a questão do método.

Desse modo, descoberto e aperfeiçoado o método científico descoberto etimologicamente método vêm de meta-" ao longo de" e hódos-"via ,caminho", expressão que significa a ordem que se estabelece na investigação da verdade, no caso), este se universaliza e serve de modelo e inspiração para todas as outras ciências particulares que vão se destacando do corpo da "filosofia natural", por exemplo: a química, a biologia, a economia e a sociologia.

Essa preocupação do método centraliza as reflexões não apenas no conhecimento do ser (metafísica), como também e sobretudo no problema do conhecimento(teoria do conhecimento ou epistemologia). Duas correntes filosóficas se destacam : Racionalismo e Empirismo conforme dito anteriormente.

Do racionalismo, o que podemos ressaltar é a tendência forte e absoluta da valorização da razão, do entendimento, do intelecto, como foi dito a falar de Descartes.

Do empirismo, podemos tirar o lema de que as coisas só são verdadeiras a partir do momento que puderem ser comprovadas pela experiência sensível, física, também conforme mencionado anteriormente.

Em poucas palavras, poderíamos dizer que os racionalistas enfatizam o papel atuante do sujeito que conhece; enquanto que o empirismo privilegia a determinação do objeto conhecido.

O POSITIVISMO

Ao falarmos de ciência, não poderíamos deixar de mencionar o positivismo, que desde o século XIX exerce influência em todas as ciências, em todos os métodos. Segundo seu fundador, August Comte, a ciência positiva é considerada o único conhecimento válido, com o detalhe de que seu método é fundamentado no das ciências da natureza, devendo portanto ser estendido a todos os campos das indagações das atividades humanas.

“No estado positivo, o espírito humano, reconhecendo a impossibilidade de ter noções absolutas, renuncia a procurar a origem e o destino do universo, a conhecer as causas íntimas dos fenômenos, para preocupar-se unicamente em descobrir (graças ao uso bem combinado do raciocínio e da observação) suas leis efetivas, a saber, suas relações invariáveis de sucessão e similitude”...

O termo “Positivista”, é o oposto de quimérico, se refere portanto ao real, ao certo, ao preciso, o que se opunha às formas teológicas ou metafísicas de mundo. A história, na visão positivista não é pensada como um vir a ser, e sim como uma sucessão congelada de fatos. Deriva daí o determinismo, característica que leva alguns filósofos a criticarem essa corrente filosófica.

O interesse de Comte pela ordem(manutenção do status quo) revela uma visão conservadora, sendo ele mesmo a afirmar: “Nenhum grande progresso pode efetivamente se realizar se não tende finalmente para a evidente consolidação da ordem. Daí que derivou(não podemos esquecer o lema da bandeira brasileira : “Ordem e Progresso”.

No meio do surgimento de todas essas novidades, podemos parar e pensar que a filosofia parece estar abandonada, o que não é verdade e só acontece aparentemente, uma vez que ela se encontra como pressuposto da ciência, cabendo descobrir o conceito de homem subjacente a cada ciência.

CONCLUSÃO

Se anteriormente , o ser humano era analisado sob o ponto de vista das ciências da natureza, atualmente, este referencial está aos poucos mudando; os próprios cientistas estão percebendo que o ser humano é um ser muito mais complexo e intrigante do que essa visão prega. Portanto não pode ser analisado (reduzido) simplesmente a aspectos específicos sob os quais as ciências o analisam . Sempre há algo no ser humano que escapa deste estudo das ciências, sem negar, é claro que cada uma delas têm uma grande parcela de contribuição a dar.

O médico e pensador Albert Schweitzer , analisando uma visão tão assustadora de mundo, propõe que substituamos essa concepção mecânica de universo por uma concepção orgânica, na qual mais do que interdependência, tenhamos uma síntese do todo vital e nos sintamos responsabilizados por esse todo.

Ao que parece, o lado trágico do desenvolvimento da ciência(destruição ambientais, o desenvolvimento e o aperfeiçoamento de bombas atômicas...), têm desesperado o homem e a sociedade. Cabe nos perguntar “ Que novos valores precisamos cultivar e plantar , se os que nos nortearam até aqui nos levaram a tão complexos problemas?

É de fundamental importância que o homem não cruze os braços nesse momento, pois aquilo que há de vir no futuro depende exclusivamente das ações humanas de agora. É preciso que a fé na possibilidade de uma renovação da sociedade faça parte do nosso eu; mas para que essas mudanças ocorram , é necessário agir no presente. Não se trata de desdenhar o fazer científico ou de maldizê-lo , e sim que cada um dentro de si instale uma discussão se perguntando : Qual é o futuro do meu mundo, e o que eu posso fazer por ele? Porque havendo amor fica a frase de Santo Agostinho : Ama e faze o que quiseres”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS :

ARANHA, Maria Lúcia de A. . e Maria Helena P. ***Filosofando- Introdução a Filosofia***, . São Paulo : Ed. Moderna, 1986.

CUNHA, José A.,. ***Filosofia- Investigação Filosófica***. São Paulo: Ed. Atual, 1992.

CHAUÍ, M. ***Introdução à História da Filosofia***. São Paulo: Ed. Brasiliense , 1994.

CARVALHO, Maria Cecília . (org) . ***Construindo o Saber***. Campinas,1998.
CHAUÍ, Marilena e outros . ***Primeira Filosofia , Lições introdutórias***. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1984.

SAVIANI, D. ***Educação Brasileira : estrutura e sistema*** . São Paulo : Ed Saraiva, 1973.

VERNANT, Jean P. ***As Origens do pensamento grego***. São Paulo , Difel 1977.

ALVES , R . ***Filosofia da Ciência –Introdução ao jogo e suas regras***. São Paulo : Ed. Brasiliense,1981.

³ in ARANHA, Maria Lúcia de Arruda e Maria Helena Pires Martins, *Filosofando*, pg 25.

4 - Id ib

VERNANT, Jean Pierre, *As origens do pensamento*, pg34

VERNANT, Jean Pierre *“As origens do pensamento”* pg 42.

Sócrates, W, O sorriso da razão, pg. 15.

^{ix} FRANÇOIS , Chalet, ano do livro 15.